

JAMIE McGUIRE

Belo
FUNERAL

Irmãos Maddox - Livro 5

Tradução

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora executiva: Raïssa Castro
Coordenação editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier
Revisão: Raquel de Sena Rodrigues Terzi
Capa e projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: *A Beautiful Funeral*

ISBN: 978-85-7686-582-7

Copyright © Jamie McGuire, 2016

Edição publicada originalmente pela autora.

Direitos de tradução acordados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M429b

McGuire, Jamie

Belo funeral / Jamie McGuire ; tradução Cláudia Mello Belhassof. --

1. ed. -- Campinas, SP : Verus, 2017.

23 cm.

(Irmãos Maddox ; 5)

Tradução de: *A Beautiful Funeral*

ISBN 978-85-7686-582-7

1. Romance americano. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título III. Série.

17-39677

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico



Thomas

Eu estava sentado na pequena e fria poltrona no quarto de hospital de Liis. As paredes marrons e azuis e a decoração minimalista me lembravam mais um hotel da rede Aloft que uma ala da maternidade. Minha futura esposa parecia confortável e linda, segurando o corpinho encolhido de Stella contra o peito, na mesma cama em que dera à luz nossa filha. Pela primeira vez em dezessete horas, eu descansei. Meus ombros se afundaram, e soltei um longo suspiro. Dormir pouco ou nada nunca me incomodou, mas ver a mulher que eu amo mais que tudo sentir tanta dor durante tanto tempo estava cobrando seu preço.

Liis estava visivelmente exausta. Dava para ver suas olheiras roxas e, apesar de ela estar mais linda do que nunca, eu me sentia dividido entre me oferecer para pegar Stella e esperar que ela me pedisse isso.

Stella estava dormindo nos braços da mãe, a poucos passos de distância. Ver as duas abraçadas serenamente era, ao mesmo tempo, reconfortante e preocupante. Stella era uma nova vida que tínhamos criado, uma combinação perfeita de duas pessoas que um dia foram desconhecidas. Agora ela teria os próprios pensamentos, os próprios sentimentos e, por ser nossa filha, as próprias opiniões fortes. Pensei na vida que ela teria enquanto a observava ali, deitada, sugando preguiçosamente o peito de Liis.

Por fim, minha impaciência venceu.

— Liis — comecei.

Como se soubesse, Stella parou de mamar e sua cabeça caiu para trás, com a boca aberta. Liis sorriu e posicionou a bebê no ombro, com cuidado.

— Eu posso fazer isso — falei.

Ela sorriu, dando tapinhas delicados nas costas de Stella e acariciando-a a intervalos. O corpo da bebê se sacudiu quando um arrotto quase inaudível rompeu o silêncio do quarto escuro de hospital.

Meus ombros caíram. Liis deu uma risadinha sem som e encostou os lábios nos fios de cabelo macios e escuros da nossa filha.

— Você vai ter que se desgrudar dela em algum momento — falei baixinho. Eu só tinha segurado minha filha no colo durante poucos minutos antes de eles a levarem para registrar o peso, as medidas e fazer o teste do pezinho. Depois disso, eles a devolveram para Liis por mais meia hora, antes de levá-la para o primeiro banho.

— Vai ficar mais fácil, né? Dividir as tarefas? — perguntou Liis, meio que brincando.

— Espero que não — respondi com um sorriso cansado. — Eu sei que você acabou de recebê-la de volta, mas posso trocar a fralda dela e fazê-la dormir de novo.

Liis pensou na minha oferta e fez que sim com a cabeça. Sempre uma negociadora.

Eu me levantei novamente, atravessando o quarto para recuperar minha filha. Enquanto eu a carregava até o bercinho transparente, a respiração de Liis se acalmou. Até seu arquivo pessoal no FBI declarava que ela sempre teve um talento especial para fechar os olhos quando podia, especialmente algumas horas antes de uma missão. Sua cabeça caiu para o lado. Ela mergulhou na inconsciência segundos depois de finalmente concordar em me deixar assumir o comando.

Liis ficava mais confortável quando estava no controle, mas, por mais que resistisse, eu sabia que ela confiava em mim. Eu era o único em quem ela podia confiar totalmente, sobretudo agora que seu coração morava do lado de fora do corpo, na forma do serzinho perfeito que tinha acabado de completar nossa família. Tinham sido necessários quase dez anos de insinuações e persuasão para fazê-la concordar em sequer considerar

um pedido de casamento. Liis era casada com o FBI e, até saber que Stella estava a caminho, não era aberta a infidelidades.

Stella olhou para mim, os olhos azuis me observando com assombro. Ela acordou quando a peguei no colo e agora analisava meu rosto com curiosidade, enquanto eu a limpava e a envolvia numa fralda nova. Tentando não franzir o nariz, eu a enrolei delicadamente numa manta bege macia e confessei como estávamos felizes com sua chegada. Para um ser perfeito, Stella certamente fazia uma bagunça bem nojenta.

Ela esticou o pescoço e eu sorri, apoiando-a em meus braços nus. Minha jaqueta esportiva, camisa social branca e gravata estavam penduradas na poltrona reclinável. Calça e camiseta branca não eram roupas adequadas para o escritório, mas cuidar de alguém menor do que eu me fez sentir com onze anos de novo, secando rostos e limpando bundas, mal conseguindo manter limpas minha camiseta e minha calça jeans rasgada. Eu mal podia esperar para chegar em casa, tomar um banho e me aninhar nas duas mulheres da minha vida, usando calça de moleton, minha camiseta preferida dos Rolling Stones e a barba por fazer há três dias.

No corredor, ouvi uma breve discussão, depois uma leve comoção do lado de fora da porta. Vozes sussurradas sibilaram, descontentes e persistentes. Dei um passo para ficar entre Liis e a porta, depois virei, posicionando-me entre quem estava do lado de fora e minha filha.

Uma enfermeira empurrou a porta, parecendo desgrenhada e um pouco trêmula.

— Está tudo bem? — perguntei, continuando em alerta. Pelo canto do olho, percebi que Liis estava acordada e pronta para reagir.

— Hum, claro — respondeu a enfermeira, parando quando percebeu nossa postura. — Está tudo bem aqui dentro?

— O que foi esse barulho aí fora? — perguntou Liis.

— Ah — disse a enfermeira, calçando um par de luvas enquanto parava ao lado da cama de Liis. — É uma briga para entrar no seu quarto. Esses agentes aí fora não brincam em serviço.

Liis relaxou, e eu fui até a poltrona reclinável de balanço perto de sua cama e puxei a cobertura de Stella para verificar se ela estava bem.

— O diretor quer que eu volte com urgência ao trabalho — disse Liis, se ajeitando de volta no travesseiro.

— Nada disso — discordei.

Na verdade, se o diretor conseguisse o que queria, Liis teria dado à luz no escritório. Estávamos no fim do nosso maior caso, e Liis era a tradutora e analista mais confiável de Quantico. Eu tinha sido o chefe do caso durante onze anos, mais da metade do meu tempo no FBI. Meu irmão mais novo, Travis, tinha trabalhado como agente infiltrado, mas, quando a merda bateu no ventilador e a mulher dele foi ameaçada, Travis executou Benny e alguns de seus homens. Abby entregou todas as informações que tinha sobre o pai, Mick — outro pão de Benny —, nos aproximando mais do que nunca de finalmente fechar o caso. O subchefe na cadeia de comando de Benny, seu filho mais velho, Angelo Carlisi, estava prestes a ser pego, e todo mundo queria que a investigação fosse encerrada com sucesso.

Liis e eu tínhamos passado horas no escritório do diretor, explicando nossa posição em relação à nossa nova família. O risco era muito mais alto, o que nos deixava ainda mais ávidos pela conclusão da missão.

— Eu levo a Stella pro trabalho. O diretor pode trocar as fraldas — brincou Liis.

— Ele pode aceitar a oferta — falei com um sorriso forçado.

A enfermeira não estava achando graça.

— Existe alguma chance de os agentes lá fora... sei lá... olharem para a minha cara e lembrarem de mim uma hora depois? As revistas estão ficando irritantes.

Liis e eu trocamos olhares, mas não respondemos. Entendíamos a frustração dela, mas não era só o diretor que sabia que nós éramos responsáveis por levar à justiça metade das famílias do crime organizado de Las Vegas. A morte de Benny tinha deixado todo mundo nervoso. Éramos os principais agentes no caso, com um bebê a caminho, e um dos homens de Benny estava sob custódia e muito perto de testemunhar. Eles já tinham tentado nos atingir duas vezes, de modo que o FBI não ia se arriscar. Tínhamos agentes seguindo cada movimento nosso desde que a barriga de Liis ficou visível.

— A Stella vai precisar se acostumar a ser filha de dois agentes especiais — falei, me impulsionando com os dedos dos pés. A cadeira de balanço foi para trás e depois para a frente, um movimento delicado realçado por um rangido num ritmo sonolento. Lembranças de embalar Travis quando ele era pequeno, ainda de fraldas, me vieram à mente. Seu cabelo desgrenhado, as pernas finas e a boca melada — um sinal claro de que o vovô tinha ido nos visitar. Ele levava uns cinco pirulitos no bolso e ia embora com um só. As crianças se acabavam nos doces, e o meu pai estava caído de bêbado no quarto enquanto eu impedia que os meninos fossem brincar na rua. Deixei de ser criança quando minha mãe morreu.

A enfermeira assentiu, mas dava para ver pela sua expressão que ela ainda não entendia. Antes de sair, ela olhou de relance para Stella, com pena refletida nos olhos. Plantei os pés no chão, parando a cadeira. A bebê reclamou, e dei tapinhas em suas costas enquanto mergulhava fundo em pensamentos. Stella era amada antes mesmo de nascer, e havia um quarto de bebê novinho e uma estante cheia de livros esperando por ela em casa. O fato de que alguém pudesse sentir pena da nossa filha nunca tinha me passado pela cabeça. Éramos totalmente capazes de sobreviver a tudo o que o FBI colocasse em nosso caminho, mas agora eu me perguntava como isso afetaria Stella.

— Você ligou pro seu pai? — perguntou Liis.

— Liguei.

— E pro resto do pessoal?

— Pedi para o meu pai esperar um dia. Eu não queria passar o dia todo no telefone.

Liis se recostou e fechou os olhos.

— Acho que, como filha única, não penso em coisas desse tipo — murmurou ela, antes de cochilar.

Joguei um pano grosso sobre o ombro e apoiei a cabeça de Stella enquanto a posicionava em meu peito. Empurrei os pés de novo, e a poltrona reclinável balançou para a frente e para trás. O rangido rítmico fez meus olhos parecerem mais pesados, e percebi Liis respirando mais profundamente.

Encostei o rosto no cabelo macio de Stella. Ela era tão inocente e vulnerável, e Liis conhecia, tanto quanto eu, os perigos do mundo para o qual a trouxemos. Era nossa responsabilidade mantê-la em segurança.

Olhei para minha namorada adormecida e depois para minha jaqueta esportiva que cobria meu coldre de ombro. Duas Sig Sauer 9 mm básicas estavam escondidas, prontas para qualquer coisa. Eu sabia que Liis também tinha uma escondida na bolsa de maternidade de Stella. Continuei balançando, recostando a cabeça e tentando deixar os músculos tensos do pescoço relaxarem. Mesmo depois que Stella se acalmou e eu a coloquei no bercinho, não consegui impedir meus ouvidos de catalogarem todos os sons do corredor — a máquina de refrigerante, os elevadores, as enfermeiras verificando os pacientes de outros quartos. Bebês chorando, os agentes murmurando e o ar-condicionado começando a funcionar. Diferentemente de Liis, mesmo querendo dormir, eu não conseguia.

Estendi a mão para a jarra de água de Liis e servi um pouco no copo. Eu dormiria quando ela acordasse. Havia muita coisa em risco. Nem os agentes lá fora poderiam proteger Stella com tanto ardor, por isso um de nós tinha que ficar acordado o tempo todo.



Gotas de chuva batiam na janela conforme eu verificava pela terceira vez a bolsa de maternidade e preparava a cadeirinha da bebê para o carro enquanto Liis assinava os documentos de alta. A enfermeira nos observava com uma curiosidade cautelosa, provavelmente depois de ouvir fofocas sobre os agentes armados parados do lado de fora do nosso quarto a noite toda e sobre o novo par de agentes designado para nos acompanhar até em casa naquela manhã.

Liis aninhava Stella em um braço enquanto assinava os diversos documentos. Ela era mãe havia menos de quarenta e oito horas e já era especialista. Sorri para Liis, até ela fazer sinal para eu pegar Stella. Fui até ela, tentando não demonstrar empolgação por ser minha vez de segurar aquele serzinho minúsculo e macio que tínhamos criado.

Peguei Stella nos braços e fui até a cadeirinha que estava no chão, a poucos passos dali.

— Merda — sibilei, tentando manobrar a bebê embaixo da trava e colocá-la no pequeno espaço como uma peça de quebra-cabeça. Stella não se mexeu enquanto eu lutava com os arreios de cinco pontos e mexia no acolchoado que cobria as alças de ombro e o travesseiro embaixo de sua cabeça.

— Thomas — disse Liis com uma risadinha. — Está perfeito. Se não estivesse confortável, ela te avisaria.

— Tem certeza? — perguntei, olhando para Liis. A cada momento importante de nosso relacionamento, eu continuava surpreso porque, bem quando eu achava que ela não poderia ficar mais bonita, ela ficava. O dia em que fomos morar juntos em San Diego, o dia em que ela me contou que teríamos Stella, o dia em que eu finalmente me mudei para a Virgínia, e todos os dias em que eu notava que sua barriga estava um pouco mais redonda e as bochechas um pouco mais cheias. Eu me sentia um trapaceiro por, de alguma forma, convencê-la a se casar comigo. Enquanto ela estava em trabalho de parto, depois quando ela deu à luz, e agora, sentada e parecendo cansada, mas gloriosamente feliz sob o sol da manhã, a mãe da minha filha estava, de novo, mais bonita do que nunca.

Liis soltou uma risada.

— O que foi?

— Você sabe. — Eu me levantei, levando cuidadosamente a cadeirinha comigo. — Pronta?

Depois que Liis concordou, a enfermeira empurrou a cadeira de rodas até a lateral da cama. Liis se levantou, descontente por ser paparicada enquanto trocava para seu próximo meio de transporte, mas era política do hospital, e Liis sempre gostou de escolher as próprias batalhas.

Vestindo uma blusa social azul e uma calça de grávida cinza, Liis deixou a enfermeira empurrá-la até a porta. Eu a abri e fiz um sinal de positivo com a cabeça para as agentes Brubaker e Hyde.

Liis não conseguiu evitar o sorriso convencido ao ver que as duas agentes eram mulheres.

— Você sabe o que estou pensando, né? — ela me perguntou.

— Que mulheres são melhores motoristas e melhores com uma arma, por isso você está feliz com nossas acompanhantes?

— Correto — ela respondeu.

Brubaker também sorriu.

Depois que prendi Stella na cadeirinha e ajudei Liis a se acomodar no banco traseiro de nosso Suburban, sentei ao volante, sinalizando para as agentes avançarem. Brubaker seguiu na frente, num Tahoe preto, e Hyde atrás, num veículo idêntico. Revirei os olhos.

— Elas estão tentando anunciar nossa saída ou acham que a máfia é idiota?

— Não sei — respondeu Liis, inclinando-se para a frente para olhar pelo espelho retrovisor lateral.

— Tudo certo? — perguntei.

— Por enquanto.

— O que foi? — indaguei, vendo a preocupação nos olhos dela.

— Ainda não sei também.

Estendi a mão para trás, para dar um tapinha em seu joelho.

— Vai dar tudo certo, mamãe.

Ela inclinou o pescoço.

— Por favor, não vamos ser aquele tipo de casal que se chama de pai e mamãe, né?

Franzi o cenho.

— E de que outro jeito a Stella vai aprender a nos chamar?

Liis suspirou, uma rara concessão.

— Tudo bem. Só... faz isso perto dela, mas não em público.

— Sim, senhora — falei com um sorriso divertido.

Ela se recostou, parecendo relaxada, mas eu sabia que não era bem assim. Ela continuava a se inclinar de vez em quando para observar o espelho retrovisor e, depois, Stella.

— Como ela está? — perguntei.

— Precisamos de um daqueles espelhos que ficam em cima da cadeirinha para você poder vê-la pelo retrovisor — disse Liis. — E se um de nós estiver sozinho com ela no carro? Vamos ter que descobrir um jeito de ver se ela está bem.

— Estou fazendo uma anotação mental agora mesmo — garanti a ela.

Ela fechou os olhos por meio segundo, antes de eles se abrirem de novo para olhar pelo espelho lateral. Deu mais uma olhada e, instantaneamente, se transformou de mãe de primeira viagem em agente do FBI.

— Sedã branco, quatro carros atrás. Pista da esquerda.

Olhei para trás.

— Certo. — Encostei no rádio em minha lapela. — Estamos sendo seguidos. Sedã branco. Pista da esquerda.

— Entendido — disse Hyde.

Brubaker passou uma comunicação pelo rádio, e mal dirigimos três quilômetros antes de receber a notícia de que mais veículos estavam a caminho. Pouco antes de eles chegarem à cena, o sedã pegou uma saída.

— Peça para alguém seguir o carro — disse Liis.

— Não se preocupe — falei, tentando continuar calmo. — Eles estão cuidando de tudo.

Ela engoliu em seco, se esforçando para continuar tranquila. Ter uma filha era uma questão extra de segurança que não conseguimos planejar. Eu sabia que parte dela queria seguir o sedã, pegá-los, interrogá-los e trancá-los longe da nossa nova e frágil família. Por mais urgente que fosse seu compromisso com a profissão, sua necessidade de proteger a filha era mais forte.

Dirigimos os quinze minutos restantes até nossa casa sem problemas, mas não conseguimos curtir a viagem como outros pais recentes fariam. Enquanto soltávamos a cadeirinha, as agentes ficaram de guarda. Hyde e Brubaker olhavam ao redor, falando de vez em quando nos pequenos rádios no ouvido, enquanto Liis e eu levávamos nossa filha até a varanda. Acenamos para os vizinhos e subimos os degraus até a porta da frente. Procurei as chaves e encostei uma delas na fechadura.

Hyde tocou delicadamente meu antebraço.

— Senhor, eu gostaria de dar uma olhada antes, se não se importar.

— Claro — falei, dando um passo para o lado.

Apenas dois dias antes, seria eu quem vasculharia a casa. Eu deixaria Liis com as agentes enquanto verificava cada cômodo, armário, atrás de cada porta e embaixo de cada cama antes de deixar minha namorada grávida entrar. Mas, agora, meu lugar era ao lado dela, protegendo nossa filha. Tudo tinha mudado em menos de quarenta e oito horas.

Hyde destrancou a porta e sacou a arma. Ela segurava a Glock como se fosse uma extensão do braço, andando pela sala da frente de maneira tão discreta que era impossível ouvir seus passos.

— Eu era boa assim? — perguntou Liis.

— Melhor — respondi.

— Não mente pra mim, Maddox.

— Nunca, agente Lindy.

Depois de alguns minutos, Hyde voltou, guardando a arma no coldre.

— Tudo certo, senhor.

— Obrigado — falei, seguindo Liis para dentro de casa.

Ela respirou fundo enquanto atravessava a porta, já se sentindo mais calma. Carreguei a cadeirinha de Stella até o quarto de bebê e a coloquei delicadamente no chão. Liis tinha decorado o quarto em tons de cinza, cinza-azulado, bege e coral, sem um laço ou uma bailarina à vista. Ela estava determinada a manter Stella o mais neutra possível em termos de gênero, antes mesmo de ela nascer. Uma cadeira de balanço marfim estofada ficava no canto perto do berço, com uma almofada quadrada de raposa delineada em azul no centro.

Soltei o cinto de segurança de Stella, ergui seu corpo frágil nos braços e a coloquei de costas no berço. Ela parecia tão miúda dentro dos limites de sua cama nova.

Tudo era novo — o carpete, o tapete no estilo Santa Fé, o desenho doze por dezoito de uma raposa na mesa lateral, as cortinas, a pintura nas paredes. Até aquele momento, o quarto tinha estado lindo e imaculado, mas vazio. Agora, estava cheio do nosso amor pela bebê, a quem o quarto pertencia.

Depois de encarar Stella por um instante, Liis e eu trocamos olhares.

— E agora? — sussurrou ela.

Ajustei a câmera do quarto e fiz sinal para Liis me seguir até o corredor. Dei de ombros.

Ela também.

— O que isso — ela deu de ombros novamente. — significa?

— Significa que eu não sei. Eu estava esperando uma confusão daquelas quando chegássemos em casa. Você sabe... todas aquelas coisas terríveis que vemos nos filmes.

Liis sorriu e se apoiou no batente da porta.

— Ela é perfeita, não é?

— Vou guardar meu julgamento até as duas da manhã ou até a primeira vez que ela fizer cocô na minha mão.

Liis me deu uma cotovelada de brincadeira. Beije sua têmpera.

— Acho que vou deitar um pouco — disse ela, estendendo a mão para o monitor.

Eu o peguei em cima da cômoda primeiro.

— Pode deixar comigo. Você descansa.

Ela se ergueu na ponta dos pés, beijou o canto da minha boca e tocou meu rosto.

— Estou tão feliz, Thomas. Nunca pensei que podia me sentir assim. É até difícil de explicar.

Sorri para ela.

— Não precisa explicar. Eu sei exatamente como você se sente.

Liis cambaleou pelo corredor até o nosso quarto, deixando a porta entreaberta.

Ri para mim mesmo enquanto seguia para a cozinha, abrindo a lava-louça para tirar os pratos, algo que Liis tinha acabado de começar a fazer quando a bolsa estourou.

Meu celular zumbiu no bolso da calça e eu o levei ao ouvido.

— Maddox.

Escutei, fui até a janela e movi a cortina para o lado. Meu coração afundou.

— Você não está falando sério — comentei. Ouvi enquanto o diretor me dava instruções que fizeram meu sangue gelar. — O plano é deixar eles me darem um tiro?

— Eles atiraram no Travis.

— O quê? Ele está bem? — perguntei, os pelos da minha nuca se arrepiando.

— Pegou de raspão no ombro. Ele está um pouco machucado. Jogaram o carro dele pra fora da estrada. — O diretor pigarreou, desconfortável por ter que dizer as palavras seguintes. — Era pra acertar a Abby.

Engoli em seco a bile que subiu pela garganta.

— Como você sabe?

— O Travis estava dirigindo o SUV dela. Havia fotos de todos os alvos sensíveis no veículo do atirador, incluindo a Abby.

— *Alvos sensíveis* quer dizer...

— Os membros da sua família, Thomas. Sinto muito.

Soltei a respiração, tentando continuar calmo. Se eles tinham fotos, os Carlisi tinham descoberto Travis fazia algum tempo. Eles estavam observando a minha família, perto o suficiente para fotografar. Isso explicava o interrogatório de Travis em Vegas. O que pensamos que era Travis estragando o disfarce e levando a um sequestro improvisado e a uma surra enquanto eles tentavam obter mais informações, na verdade, tinha sido planejado.

— Eles foram localizados?

O diretor fez uma pausa.

— O SUV do Travis atingiu uma árvore, em alta velocidade. Eles voltaram para terminar o serviço, mas não saíram ilesos. A família Carlisi agora tem três homens a menos. Bobby, o Peixe. Nikko, a Mula. E Vito Carlisi.

— O filho do Benny. Isso significa que os Carlisi só têm mais dois possíveis sucessores. — Benny tinha sete filhos, mas só três homens. O mais velho, Angelo, era seu subchefe, com os outros dois na fila esperando o cargo. Benny era da velha guarda e tinha passado para seus filhos e sua família do crime organizado a noção de que apenas homens poderiam herdar seu império ilícito. Minha esperança era de que tudo o que Benny havia construído desabasse, se seus atentados os deixassem sem nenhum subchefe com o sobrenome Carlisi.

— O Travis cuidou de tudo — disse o diretor.

— Claro que sim. — Meus músculos relaxaram. O que poderia ter sido um caos completo, na verdade, estava tendendo a nosso favor. Eu deveria saber. Depois que alguém dá um golpe em Travis, ele sempre garante que não aconteça de novo. Mesmo sendo três dos melhores assassinos da família Carlisi.

— O mais novo dos Carlisi, Vincenzo, e dois soldados foram ligados a um Nissan Altima prata. Eles estão indo na sua direção agora. E provavelmente já sabem da morte do Vito.

— Vindo pra cá? Agora? — perguntei, olhando para o quarto de Stella.
— E as balas perdidas? Vamos deixar os caras passarem na frente da minha casa, com minha mulher e minha filha aqui dentro? Parece loucura, senhor.

— Você consegue pensar em outro plano nos próximos oito minutos? Franzí o cenho.

— Não.

— Hyde vai proteger a Liis e a Stella nos fundos da casa com coletes. É a nossa única chance. A decisão é sua, claro, mas...

— Entendido, diretor.

— Tem certeza?

— Você está certo. Não tem outro jeito. Vai nos fazer ganhar tempo.

— Obrigado, agente Maddox.

— Obrigado, diretor.

A porta do quarto se abriu com um rangido e, em minha visão periférica, vi Liis apoiada no batente, com o celular no ouvido. Eles também tinham ligado para ela.

— Mas nós acabamos... Não é possível que eles saibam... — Ela suspirou. — Entendo. Claro, e concordo, mas... tudo bem. Eu entendo, diretor. — Ela olhou para mim com lágrimas nos olhos, pigarreando antes de falar de novo. — Pode considerar feito.

O celular caiu de sua mão e seus olhos perderam o foco. Corri pela sala para segurá-la em meus braços. Eu queria ser delicado, mas sabia que a estava segurando com muita força.

— Não acredito que isso está acontecendo — disse ela, a voz abafada em meu peito. Seus dedos se enterraram em minhas costas.

— Se tivesse outro jeito... — comecei.

— O Travis está bem? — ela perguntou. Liis já tinha recebido um resumo, eu tinha certeza, mas precisava escutar da minha boca. Eu não ia aliviar a situação só porque ela havia acabado de dar à luz, e ela sabia disso.

— Está um pouco machucado. E eles estão com três imbecis a menos.

Ela soltou uma risada e levantou o queixo, os olhos arregalados e vidrados com a percepção.

— Vou ter que contar a eles, né? Vai ter que ser eu.

Hesitei, sentimentos conflitantes girando dentro de mim. Eu não queria forçá-la a fazer isso. Minhas sobrancelhas se aproximaram.

— Os Carlisi simplesmente vão mandar mais homens, Liis. Eu sei que é um tiro no escuro... mas você vai ter que fazer isso.

Ela balançou a cabeça.

— Não consigo. Eu...

Trinquei os dentes, tentando manter a calma e ser forte por ela. Envolvi seu rosto em minhas mãos.

— Vai dar tudo certo. Você consegue, sim.

Seu peito afundou, e ela soltou a respiração.

— Como eu posso fazer isso com eles? — Ela levou a mão à testa, balançando a cabeça, sem acreditar.

— Faremos o que temos que fazer. Como sempre.

Liis olhou para o quarto de bebê.

— Mas, desta vez, há muito mais coisas em risco.

Verifiquei o relógio de pulso e suspirei.

— Tenho que fazer as malas e dar uns telefonemas.

Ela pressionou os lábios e assentiu.

— Vou te ajudar.

Stella começou a se agitar, e eu quase perdi a cabeça.

— Isso é demais. Não é certo deixar você sozinha com ela. Ela mal tem um dia de idade, e vocês aqui, sozinhas...

Ela me abraçou.

— Não vou estar sozinha.

Apertei os braços ao redor dela, respirando em seu cabelo, memorizando a maciez de sua pele.

— Não posso... não posso me despedir dela — falei. Meu coração tinha sido partido mais de uma vez, mas isso era tortura. Eu já estava apaixonado pela menininha no berço, e deixá-la seria a coisa mais difícil que eu poderia fazer.

— Então não se despede.

Assenti e me esgueirei para o quarto da bebê, observando Stella respirar com facilidade, enrolada e sonhando feliz com o que recém-nascidos

sonham — os batimentos cardíacos de Liis, minha voz abafada. Eu me inclinei e pressionei os lábios em seu cabelo farto e escuro.

— Te vejo em breve, meu amor. Papai te ama.

Atravessei o quarto e me abaixei para pegar o colete, vestindo-o enquanto ela me observava com uma expressão sofrida, depois enfiei algumas roupas e produtos de higiene numa sacola e levantei o celular, digitando o número de Trenton. Tentei manter a voz casual enquanto dizia a ele para nos esperar mais cedo que o planejado. Em menos de cinco minutos, eu estava pronto.

— Quem está lá fora? — Liis perguntou quando desliguei o celular.

— Dustin Johns e Canton — respondi, vestindo um casaco leve.

— Brent Canton?

Quando assenti, ela suspirou, aliviada. Eram os melhores atiradores de elite do FBI.

— É bom eles não errarem — ela soltou.

— Eles não vão errar — falei. Eu esperava que não. Eu estava colocando a minha vida nas mãos deles. Peguei Liis nos braços, abracei-a com força e pressionei os lábios nos dela, esperando que não fosse a última vez. — Vou te pedir em casamento quando a gente se vir de novo, e dessa vez você vai aceitar.

— Então dá um jeito de a gente se ver de novo — disse ela.

Hyde abriu a porta da frente.

— Trinta segundos, senhor.

Anuí, peguei as chaves do carro e olhei novamente para Liis, antes de fechar a porta e sair.